

S. Severo Soares

Sergio Severo de Albuquerque Maranhão

Justo A. D. Gomes 2500

JUVINO CEZAR PAES BARRETO E IGNEZ AUGUSTA

PAES BARRETO

Breves traços biográficos

Palestra lida no Salão de Festas do Collegio Salesiano S. José, de Natal, no dia
6 de Agosto de 1954

Sergio Severo de Albuquerque Maranhão

do Juízo de Antônio Soares
af.

Sergio Severo

13.1.55

JUVINO CEZAR PAES BARRETO E IGNEZ AUGUSTA

PAES BARRETO

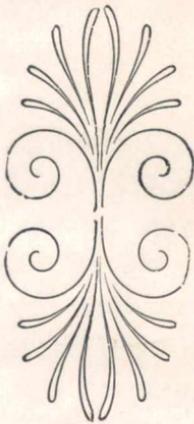
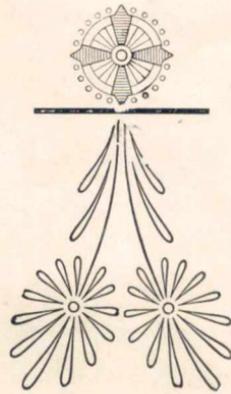
Breves traços biográficos

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
**DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO**

Palestra lida no Salão de Festas do Colegio Salesiano S. José, de Natal, no dia
6 de Agosto de 1:51



Juvino Barreto



D. Ignez A. Paes Barreto

Quís o diretor dos Salesianos de Natal, o meu illustre amigo, pe. Luiz Santiago, comemorar com as tocantes e expressivas solenidades deste evocativo cinco de agosto, o transcurso do vigésimo segundo aniversário da morte da doadôra desta Casa, trazendo para o vosso convívio, durante alguns minutos, através de minha palavra, sem brilho, mas sincera, alguns dos aspectos mais interessantes da vida de Juvino Cezar Paes Barreto e de sua esposa Ignez Augusta Paes Barreto; da vida dessas criaturas a cujas memórias ergueram, construíram os padres Salesianos, com as pedras mais preciosas da verdadeira gratidão, este panteôn de corações juvenís, onde aqueles dois nomes, gravados com o ouro vivo do reconhecimento, permanecerão eternos para a homenagem de nossa admiração.

Bernardo Semeria, doador da livraria “Doutrina Cristã”, construída no mesmo lugar em que nasceu D. Bosco, e de cujas oficinas já saíram mais de quatorze mil volumes que se derramaram por todo o mundo, difundindo a bôa leitura, os bons exemplos, bem como a verdadeira ciencia, em suas multiphas formas, afóra cêrca de setecentos e cincoenta quilômetros de filmes educativos, catequéticos e di-

dáticos; o Conde Eugenio Rebandengo, que em vida doou todos os seus haveres aos Salesianos, permitindo-lhes a fundação, em Turim, da primeira Faculdade de Pedagogia Salesiana, afóra outras instituições educativas e culturais; bem como muitos outros, cuja enumeração se tornaria enfadonha, têm também, como Juvino e Ignez Barreto, os seus nomes eternizados nessas casas Salesianas, desde a primeira, a de Turim, que nasceu de um milagre das mãos de seu fundador e sob a proteção de Maria Auxiliadora, até as mais longinquas, espalhadas que estão por todo o mundo, como uma afirmação de fé, como um exemplo da dedicação e do amor que devotam á juventude os padres Salesianos, fieis á doutrina e aos ensinamentos do santo fundador da ordem.

Minha escôlha para fazer esta palestra sobre a Família Paes Barreto não se deve a nenhum merito literário de minha parte, que sei não possuir para o bom desempenho desta delicada missão; mas, certamente, por tratar-se de um íntimo da família, de um sobrinho dos homenageados, dessas duas personalidades que deixaram, em sua passagem por esta vida, não o efêmero rastro luminoso das estrelas cadentes, quando rapidas riscam o azul diáfano ou o veludo negro de nossos céus, mas uma luz suave e benfazeja, irradiada de seus corações generosos e

bons, luz essa que eterna ha de iluminar esta Casa Salesiana, onde a história de suas vidas será sempre um grande livro aberto á nossa meditação e um grande exemplo digno de ser imitado.

Juvino Barreto e Ignez Barreto, atraídos pelo mais puro amor e pelos elevados sentimentos de bem servir á humanidade, que já medravam em seus jovens corações, uniram seus destinos, sob as bençãos da Igreja, no dia 28 de Janeiro de 1873, tendo Juvino, nessa época, 27 anos, e Ignez Barreto apenas quinze.

Juvino Barreto nascera na povoação de Aliança, distrito da cidade de Nazaré, Estado de Pernambuco, em 2 de fevereiro de 1846. Era filho legitimo do Cel. Leandro Cezar Paes Barreto e Da. Umbelina Cezar Paes Barreto. O Cel. Leandro, seu pai, era homem de carater, temperamento de lutador e de abnegado, de verdadeiro patriota. Tomára parte na revolução de 1848, em que comandára as tropas rebeldes, demonstrando, nos encontros com as forças legais, muita bravura. Fracassada a revolução, foi o Cel. Leandro preso para Fernando Noronha. Voltando ao seio da família, depois de indultado, com os demais companheiros, pelo Governo Imperial, dedicou-se inteiramente á educação dos filhos. Quando, em 1856, o cólera, ceifando milhares de vidas cobria de luto e de dôr a sua terra, o Cel. Leandro

num impulso legítimo de desprendimento, de abnegação e de coragem, deixou a segurança do lar, dedicando-se inteiramente a assistência ás vitimas do terrível mal, visitando-as, medicando-as, ajudando-as nos transe mais pungentes. E pagou com o sacrificio da propria vida, vítima também que fôra do cólera, a sua inexcedível dedicação aos infelizes, aos soffredores.

E', pois, dessa estirpe de homens abnegados, que descende Juvino Barreto. Por isso mesmo, a sua vida não foi uma improvisação, mas sim uma continuidade desse mesmo elevado espirito de altruismo, de amor à família e ao trabalho, de compreensão, de desvelo pelos pobres e pelos necessitados, que herdara de seus antepassados.

Desde tenra idade revelou-se Juvino Barreto um herói do trabalho, zelando e amparando a sua família. Orfão aos dez anos de idade, ficou Juvino Barreto com sua mãe e irmãos na mais extrema pobreza. Para garantir a subsistencia dos entes queridos, conseguiu então modesto emprego num estabelecimento comercial de Nazaré. A' noite, depois das canseiras do dia, em vez do repouso que o corpo reclamava, trabalhava até muito tarde, sob a luz bruxoleante de uma lamparina, numa modesta officina de encadernação que ele proprio montára em

sua casa e da qual tirava os resultados que muito o auxiliavam na manutenção da família.

Prosseguindo em seu trabalho com aquele mesmo espirito de lutador que lhe era peculiar, foi aos poucos vencendo na vida e prosperando. Em 1869, veio para o Rio Grande do Norte, para a cidade de Macaíba, onde se associou com o seu irmão Julio Barreto, mais velho, ao major Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão, dedicando-se ao commercio nas cidades de Natal, São José e Macaíba.

Em 1871, ao agitar-se a idéia abolicionista, fundou Juvino Barreto, em Macaíba, a “Libertadora Macaibense”. Decisiva e digna dos maiores aplausos foi a sua ação á testa dessa sociedade pela libertação dos escravos, auxiliando-os em suas fugas perigosas, tudo fazendo ao seu alcance, ao alcance de sua coragem e de sua dedicação sem limites, para livrá-los do jugo humilhante, dos sofrimentos, da ferocidade de impiedosos e desalmados feitores e senhores. A sua atuação, nessa primeira fase da luta abolicionista, valeu-lhe a condecoração do “Habito da Rosa”, com que foi agraciado. Depois, em Recife, no furor da luta abolicionista, já em 1887, fundou Juvino Barreto, com Barros Sobrinho, João Ramos, José Mariano e tantos outros, o célebre “Clube do Cupim”, sendo tambem escolhido pelos seus çompanheiros de ideal para um dos dire-

tores da “Sociedade Abolicionista Pernambucana”. No ano seguinte, a Princesa Isabel assinava a célebre LEI AUREA, de 13 de Maio, da libertação dos escravos, por que tanto lutaram esses abnegados brasileiros, dentre os quais Juvino Barreto teve papel preponderante.

Vencedôra a luta abolicionista, dedicou-se ele, com o mesmo ardor, com o mesmo elevado idealismo, á luta pela implantação da república, já em plena efervescência. E, em 27 de janeiro de 1889, com um grupo à frente do qual estavam Pedro Velloso, João Avelino Pereira de Vasconcelos, Zacharias Monteiro, Augusto Severo e outros, fundou o “Clube Republicano”, na residencia do Cel. João Avelino, ao lado da matriz do Bom Jesus, no mesmo lugar em que foi construido o nosso “Grande Hotel”.

Quando em Macaíba pela primeira vez, conheceu Juvino Barrêto aquella que Deus reservara para sua companheira na vida: Ignez Augusta de Albuquerque Maranhão, nascida em Guarapes, no dia 22 de setembro de 1859, filha desse casal illustre que deu ao Rio Grande do Norte os filhos que tanto o engrandeceram e elevaram, nas ciencias, nas artes, na musica, na politica e na administração — Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e Feliciano Maria de Albuquerque Maranhão.

Moça exemplar, dotada de todas as virtudes

que podem ornar uma alma cristã e um coração bem formado, foi Ignez Barreto, em toda a sua existência, o anjo tutelar, a companheira inseparavel e abnegada, e — por que não dizer? — a inspíradora de todos os grandes cometimentos de seu esposo.

Regressando de Recife, para onde fôra depois de casado, por motivo de transferencia, para aquella cidade, dos negocios com seu irmão Julio, veio Juvino Barreto residir com o seu cunhado Fabricio Maranhão, no antigo porto de Guarapes, onde restauraram a importante casa fundada pelo Major Fabricio Gomes Pedroza.

Espírito empreendedor e progressista, idealizou Juvino Barreto a criação de uma industria para a terra que o acolhêra de braços abertos e onde encontrára a fiel companheira para todas as suas horas de luta, sofrimentos e alegrias. E nasceu na mente privilegiada daquele homem a idéia da fundação de uma fabrica, em Natal. Essa idéia não parou; pelo contrário, cresceu, floriu, avolumou-se e, por fim, tornou-se magnifica realidade. Não a detiveram os multiplos obstaculos que se antepunham ao seu avanço. A indiferença e a critica dos cétricos, que não podiam conceber uma fabrica na modesta província, ruíram ante a vontade férrea de Juvino Barreto. E solidario com o seu pensamento e confiante em seu tino administrativo, o seu sogro, Ma-

jor Amaro Barreto, transferiu-lhe a concessão e os terrenos já adquiridos para a instalação de uma fabrica de tecidos.

E a pedra fundamental foi lançada no ano de 1886, no alicerce da velha chaminé, ainda existente. E sob os aplausos de uma multidão deslumbrada, como embalada ainda na miragem de um sonho oriental, foi solenemente inaugurada, no dia 21 de Julho de 1888, pelo então presidente da província, Antonio Francisco Pereira de Carvalho, a “Fabrica de Fiação e Tecidos Natal”. A benção foi dada pelo vigario, Padre João Maria.

Inicialmente, tinha a fabrica 48 teares, 1.600 fusos, e 80 operarios. As primeiras peças de tecido saídas de seus teares, foram entregues, no dia 29 do mesmo mês, ao virtuoso vigario Padre João Maria, já canonizado Santo pela gente de nossa terra, para que fossem distribuidas aos pobres.

A Fabrica de Tecidos conquistou em pouco tempo o operariado modesto de nossa terra, e os empregos na **Fabrica de Seu Juvino**, como a chamavam, eram disputados à medida que a mesma ia se desenvolvendo e novas vagas surgiam. Todos queriam tê-lo como chefe, sabida como era a sua inexcedivel bondade, ao par de um elevado e nobre sentimento de justiça.

E’ que Juvino Barreto não era só o patrão.

Aliás, na sua fabrica, nunca foi simplesmente o patrão. Ele era, e todos o proclamavam, o amigo, o conselheiro, o protetor e, mais ainda, um verdadeiro pai.

Nunca (eu afirmo, e os que tiveram a alegria de conhece-lo pessoalmente, como esse venerando e querido nonagenario, meu dileto amigo Snr. João Batista Gondim, com quem tive ha dias a satisfação de conversar demoradamente sobre a vida de Juvino Barreto, podem tambem afirmar) nunca, repito, qualquer operario, do mais modesto ao mais graduado, apelára para o chefe, nos momentos dificeis de sua vida, que não fosse atendido. E a bondade, a dedicação de nosso homenageado não se limitava apenas a ajuda financeira. Ia mais além; aconselhava, orientava, assistia-lhes e, nessas ocasiões, o patrão desaparecia completamente, para surgir o amigo desvelado, o verdadeiro apostolo do bem, o que foi, incontestavelmente, uma das facêtas preponderantes do seu carater de escól.

Ao lado da fabrica de tecidos, nesta mesma rua e justamente em frente ao prédio onde reside o nosso grande historiador Câmara Cascudo, construiu Juvino Barreto a capela-escola "São José", onde funcionava um curso de alfabetização para os filhos dos operarios, e onde tambem lhes era ministrado o ensino religioso.

As Imagens dessa antiga capela de “São José” foram transferidas para a capela da “Vila Barreto”, e hoje se encontram na capela desta Casa Salesiana, presidindo, imóveis, do alto de seus altares, ao desdobramento da obra de seus doadores, abençoando a multidão renovada de fiéis e de crianças que se ajoelham diariamente aos seus pés, pedindo-lhes, implorando-lhes a misericórdia de suas graças.

Essa fabrica de tecidos, como todos nós sabemos, não existe mais. Depois de passar por diversos donos, que não souberam ou não puderam fazê-la reviver os dias de prosperidade de seu fundador, ficou com o Banco do Brasil, que a vendeu à firma Martins, Jorge & Cia., do Pará. O então interventor federal, Comandante Hercolino Cascardo, procurou, num gesto muito louvável, obstar à sua saída, mas não o conseguiu.

Restam hoje as velhas parêdes, algumas ainda como naqueles aureos tempos, outras completamente modificadas. Natal já se esqueceu do apito estridente que despertava os operarios ,chamando-os para o trabalho, às 5,20 da manhã e, às 5,20 da tarde, anunciava, para toda a cidade, o término de mais uma jornada. Naqueles vastos salões, não se ouve mais o bater compassado dos teares nem o sussurro dos fusos, naquela envolvente sinfonia de progresso. Resta apenas, ereta, rija, como um braço de gigan-

te crispado para os céus, numa atitude de protesto, imóvel e fria, a grande chaminé, com a evocativa data de 1888 gravada em um de seus flancos. Como as pirâmides do Egito, ela é, no céu escampo e limpo de nossa cidade, a recordação de uma época de prosperidade crescente, de uma era inesquecível de trabalho construtivo, que vai entretanto dia a dia se perdendo nas sombras de um passado cheio de glórias.

Paralelamente à sua atividade industrial, realizava Juvino Barreto em sua terra, como verdadeiro discípulo de São Vicente de Paulo, um grande apostolado. Nas obras de caridade, nas calamidades que sombrearam de tristeza a vida da pacata provincia, estava ele, o grande industrial, sempre na primeira linha, auxiliando, orientando, trabalhando, com aquele desprendimento, com aquela dedicação de verdadeiro “dileto dos pobres”, como o chamou o inesquecível poeta Segundo Wanderley.

Naquele mesmo ano de 1888, a 23 de Setembro, fundava Juvino Barreto, com Felix Mascarenhas e alguns outros, cujos nomes não consegui descobrir nos arquivos e notas que rebusquei, a “Sociedade de São Vicente de Paulo”, de historia emocionante e simples, toda vivida sob os tetos humildes de palhoças e casebres, plantados nas encostas dos mor-

ros, nos areiáis distantes e no descampado dos taboleiros.

Sinfrônio Barreto, irmão de Juvino Barreto, cujo nome e cuja fisionomia risonha e bonissima evoco neste momento, conhecido que foi por muitos dos presentes, teve entre os Vicentinos, em nossa terra, uma atuação verdadeiramente edificante, de desdobração e constante abnegação, fiel, como seu irmão, á doutrina e aos ensinamentos de seu pai.

Durante a revolta da Armada, em 1892, organizou Juvino Barreto, em Natal, o “Batalhão Silva Jardim”, tendo mais de uma vez se oferecido ao Marechal Floriano Peixoto, para combater ao lado das forças legais, fiel á tradição de seus antepassados e ao elevado sentimento de sadio patriotismo que era uma das características marcantes do seu caráter sem jaça.

Já no leito de morte, Juvino Barreto chamou a sua esposa para um último pedido: “Que, de sua herança, reservasse déz contos de réis para fundação de uma casa para educação de meninos; déz contos de réis para uma casa para educação de meninas, e déz contos para a fundação de um hospital”.

E, ás dez horas do dia nove de abril de 1901, no salão de frente do primeiro andar desta casa que

ora nos abriga, deixou de pulsar aquele grande coração. O lutuoso acontecimento abalou profundamente a pacata Natal de 53 anos passados. O commercio cerrou suas portas. Nos edificios públicos, as bandeiras foram hasteadas em funeral. Imensa multidão, vinda dos mais longinquos lugares, cercou a casa do grande morto, na ânsia de vê-lo mais uma vez, de prestar-lhe a sua última e sentida homenagem.

O entêrro realizou-se no dia seguinte, saindo o féretro às sete horas da manhã, para a proxima estação da estrada de ferro, donde foi transportado, em carro funebre, para o cemiterio do Alecrim. Os entêrros importantes, naquela época, eram feitos a trem. Os vagões que formavam a longa composição estavam repletos. Ao longo dos trilhos até a parada do “Oitizeiro”, o povo, em silencio, com os olhos marejados de lagrimas, ajoelhava-se à sua passagem.

No cemiterio, a multidão era imensa. Uma verdadeira parada de dôr. A’ borda do tumulo, falaram Pedro Avelino e o inolvidavel médico e poeta Segundo Wanderley que, entre outras coisas belas, disse o seguinte: “Falem neste momento por mim os gemidos aflitivos que convulsionam os seios inconsolaveis dos desherdados da sorte; falem por mim os soluços emocionantes que se desprendem

dos labios sequiosos da innocencia, do coração palpitante da castidade; falem por mim estas manifestações eloquentes de todas as classes no requinte espontaneo de sua admiração e de seu respeito; falem por mim os protestos altisonantes do povo Rio Grandense na eclosão indefinivel do seu sentimentalismo, no fervor inefável de sua idolatria; fale por mim, em suma, esta caudal enorme, esta parada de luto, esta apoteose de lágrimas onde as consciencias genuflexas levantam n'um extasis sobrenatural o estandarte sublime da saudade e da gratidão”.

“O homem exulta porque lhe apráz, mas só chora porque sente. O riso é muitas vezes uma mascara, mas o pranto é sempre uma revelação. No primeiro ha um musculo que se contrái, no segundo ha uma alma que se dilui. E' por isso que Juvino Barreto torna-se o objetivo da mais expressiva, da mais palpavel, da mais indefectivel das glorificações, a glorificação da dôr”.

Depois de sua morte, procurou Ignez Barreto dar fiel cumprimento áquele pedido de seu esposo querido, feito quando o mesmo já sentia, com a resignação e o estoicismo de um santo, a aproximação de seu último momento. E dos entendimentos com D. Aurelio de Miranda Henriques, então Bispo da Paraíba, sob cuja jurisdição eclesiástica estava

o Rio Grande do Norte, conseguia a fundação, em Natal, do Collegio Diocesano “Santo Antonio”. Para esse fim, vieram para Natal os padres João Irineu Jofily e Moisés Coelho, que fundaram aquela casa de educação. Além dos déz contos deixados pelo seu marido, Ignez Barreto forneceu ainda, de sua conta, grande parte do mobiliario para a fundação daquele collegio, por onde passaram quasi todas as nossas gerações, de 1903 para cá, e é hoje o suntuoso Collegio Santo Antonio dos Irmãos Maristas. Padre Jofily faleceu como Arcebispo resignatario do Pará e titular de Anasarta, e Moisés Coelho é o atual Arcebispo da Paraíba.

Em seguida, com o seu grande prestigio junto à ordem de Santa Dorothea, obtém Ignez Barreto a fundação do Collegio da Imaculada Conceição, no antigo predio do Liceu Industrial.

Fundou-o a superiora Madre Danielli, tendo Ignez Barreto muito contribuido para efetivação dessa grande obra, além do auxilio deixado por Juvinio Barreto.

A Revma. Madre Irene Danielli, como testemunho da gratidão pelo muito que fizera material e moralmente para a fundação daquele estabelecimento de educação de meninas, e que tem tido, incontestavelmente, uma marcante e benefica atuação na formação moral, espiritual, literaria e artis-

tica das moças de nossa terra, desde o dia abençoado de sua inauguração, ofereceu a Ignez Barreto dois luxuosos volumes da Biblia Sagrada, com esta expressiva dedicatoria: “ A’ Exma. Snra. Da. Ignez Barreto, ofereço esta lembrança, como sinal de verdadeira estima. Cada pagina deste livro precioso, cada expressão desta religiosa narração, encontrará um echo feliz em sua intelligencia desejosa da verdade, em seu espirito cioso do bem, em seu coração generosamente dedicado á virtude. Natal, 22 de Setembro de 1905. (a) Irene Danielli, Religiosa de Santa Dorothéa.”

Esses preciosos volumes foram, depois de sua morte, oferecidos pela Família Barreto ao Revmo. Padre Monte, seu confessor e diretor espiritual, nos últimos anos de sua vida. Hoje, pertencem-me, oferecidos que me foram pela ilustre familia do nosso querido e inesquecível Padre Monte.

Os déz contos de réis restantes foram empregados quando o seu irmão Alberto Maranhão governára o nosso Estado, pela primeira vez.

Comunicara-lhe Ignez Barreto o pedido que lhe fizera o esposo. E empenhando-se junto ao seu irmão mais moço para o seu cumprimento, entregou-lhe a referida importancia. E Alberto Maranhão, com o seu grande tino de administrador, aliás o maior administrador de nosso Estado, sob todos

os aspectos e em todos os tempos, juntou áquella importancia mais algum recurso do proprio Estado, e comprou a casa do Monte Petropolis, antiga residencia que fôra sua e onde fundou o Hospital de Caridade “Juvino Barreto”. Este nome, porém, foi nos últimos anos mudado para “Miguel Couto”. Mas o nome de Juvino Barreto para o Hospital de Caridade de Natal não nasceu de nenhum conchavo de familia. Representava um áto de inteira justiça. Não só porque Juvino Barreto muito merecia aquella homenagem, pelo inegalavel valor de sua obra filantropica em nossa terra, como tambem porque fôra ele quem primeiro sonhára com a fundação daquela casa e concorrêra financeiramente para a sua instalação. Louvavel, pois, seria todo e qualquer movimento para corrigir aquella injustiça a um dos vultos mais proeminentes de nossa terra, fazendo voltar ao nosso hospital a sua primitiva denominação de “Juvino Barreto”.

A vida de Ignez Barreto, durante a sua viuvez, decorreu na paz de seu lar, educando os filhos e netos, trabalhando em suas obras de assistencia social, amparando e protegendo os necessitados, resignada e heroica ante as vicissitudes da vida, mas sempre a mesma, inflexivel, sem se afastar um milimetro sequer de sua linha de conduta, de tradicional mãe brasileira.

Não se limitou Ignez Barreto ao cumprimento do pedido de seu esposo, para a fundação dessas três casas que constituem hoje um verdadeiro orgulho para a nossa terra: Collegio Santo Antonio, Collegio da Imaculada Conceição e Hospital Juvino Barreto.

Em 15 de agosto de 1905 fundou a “Associação das Damas de Caridade”, á qual presidiu com invulgar dedicação, durante toda a sua vida, e cuja primeira diretoria era a seguinte: Presidente, Ignez Barreto; vice-presidente, Da. Raimunda Wanderley, viuva do poeta Segundo Wanderley e presente a esta solenidade; 1.^a secretária, D. Maria Isabel Maranhão; 2.^a secretaria, Da. Maria Eugenia Teixeira de Araújo, minha tia pelo lado materno e minha mãe de criação; tesoureira, Da. Maria Coelho, e enfermeira, Da. Maria Emerenciano. A instalação das “Damas de Caridade” foi ás sete horas da manhã, no Collegio da Imaculada Conceição, sendo seu diretor espiritual o Padre Irineu Jofily.

No dia imediato, 16 de agosto de 1905, fundou ainda Ignez Barreto a escola “Maria Auxiliadora”, para educação das meninas pobres de nossa velha Natal. As professoras eram suas diletas filhas Maria Latina, Sara e Rachel, suas sobrinhas Bertha Severo, Leonor Maranhão e Isabel Barreto e mais as senhorinhas Francisquinha Wanderley, Aurora Sea-

bra, Adalgiza Pereira Simões, Maria Eugenia, Maria Augusta e Maria Sebastiana Araújo. Diariamente era servido um succulento lanche às alunas a quem não faltavam tambem os livros, cadernos, etc., para os seus estudos. E igualmente as vestes brancas, brancas como a sua bondade, fornecia a fundadora da Escola áquelas inocentes pobrezinhas, para o dia mais feliz da vida, o dia de sua Primeira Comunhão. Na véspera daquele grande dia, tendo-se em consideração que muitas moravam distante e não havia meios de transporte, as néo-comungantes vinham todas para esta mesma casa, dormiam sob este mesmo tecto acolhedor e generoso. No dia seguinte, depois do Banquete Eucarístico, na Capelinha de S. José, que recebia ornamentação especial para a tocante cerimonia, voltavam todas alegres e sorridentes para a mansão de sua protetora, que as recebia de braços abertos| Era-lhes então servido magnifico café, numa longa mesa toda enfeitada de flores pelas mãos tambem abençoadas das dedicadas professoras.

Numa dessas ocasiões, lembro-me perfeitamente, a grande sala regorgitava de filhos, irmãos, sobrinhos e pessoas amigas, que tambem vinham participar da alegria, da santa alegria daquelas meninas que haviam ha pouco recebido Jesus em seus corações inocentes.

Depois do café, uma menina, defeituosa de uma perna, interpretando os sentimentos de suas coleguinhas, leu este breve discurso: “Exma. sra. Da. Ignez — Mais que justo é o motivo que faz reunir em torno de V. Excia. as pobrezinhas da aula “Maria Auxiliadora”. Cumprimentando-vos respeitosamente, mostramos assim o reconhecimento e a gratidão de que se acham possuídos os nossos corações. A’ nossa carinhosa Mãe Maria Auxiliadora dirigimos hoje as nossas preces, afim de que ela derrame sobre V. Excia. as mais copiosas graças. Viva Maria Auxiliadora, Viva Dona Ignez, Viva 22 de setembro”.

Era dia de aniversario da homenageada. Ignez Barreto, porém, nada respondeu. Ficou muda e séria. A viva emoção embargava-lhe a voz. Nos seus olhos expressivos e claros, lia-se perfeitamente toda a alegria que lhe ia n’alma pelo bem que fizera. E, adiantando-se, abraçou demoradamente a pobrezinha, beijando-a com meiguice, com essa meiguice com que só as mães sabem beijar os filhos queridos. Essa menina ainda vive. Hoje, já envelhecida, viuva, cheia de filhos e netos, mora nos mórros de Areia Preta. Ha dias, falando-me daqueles bons tempos, o tempo melhor de toda a sua vida, como dizia, repetiu-me com os olhos cheios de lagrimas, aquelas mesmas palavras pronunciadas ha

44 anos atrás e que guarda em sua memória e seu coração, como a ternura de uma prece. Chama-se Joana Bezerra e, por isso, eu a convidei para assistir também a esta homenagem á sua maior benfeitora.

A casa onde funcionava a escola “Maria Auxiliadora” ficava neste terreno, na subida da rua Juvinho Barreto, ao lado, onde começa a rua S. Thomé. . Nela morei algum tempo e nela nasceu o meu filho Augusto. Não existe mais; evoco-a, entretanto, com saudades, pelos dias tranquilos e felizes nela vividos.

Em 1910, sua filha, Maria Latina, figura principal na direção da escola, antes de entrar para a ordem das Dorotheás, transferiu a escola “Maria Auxiliadora” para o Colegio da Imaculada Conceição. E doou a importancia com que foi construido, por seu irmão Pio Barreto, o predio onde ainda hoje funciona, ao lado do mesmo colegio, na Avenida Deodoro.

E, como ha 49 anos, ainda hoje as meninas pobres do Natal recebem instrução gratuita na mesma Escola “Maria Auxiliadora”, incontestavelmente uma das grandes realizações da doadora desta Casa.

Como todo Maranhão, Ignez Barreto gostava da bôa música, das bôas leituras. Em sua sala de

visitas tinha um bello piano de cauda, marca **Pleyel**, oferta de seu esposo, quando moça, e no qual interpretava, com arte e segurança, os seus compositores prediletos, os grandes mestres da harmonia no mundo, ainda insubstituiveis: Beethoven, Mozart e Chopin.

Naquella mesma sala ampla, seu irmão Amaro Barreto, diretor do Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro, dava os seus concertos familiares, para deleite de sua irmã, ás vezes acompanhado ao violino pelo seu irmão Joaquim Scipião. E as tertúlias literarias e musicais que ali se realizaram tiveram grande repercussão na época. E, permitam-me a revelação, muitas vezes o seu dileto irmão Alberto Maranhão entoava as lindas canções napolitanas, e em tempos passados o grande Pedro Velho, organizador do Estado republicano, solfejava, acompanhando-se com estilo melodico, peculiar ao seu gosto requintado, as velhas modinhas brasileiras que aprendera quando estudava medicina na Baía.

Depois da morte de seu marido, Ignez Barreto nunca mais tocou.

Como nos versos de Julio Salusse, em que:

“Um dia um cisne morrerá, por certo,
e quando chegue esse momento incerto,
no lago, onde talvez a agua se tisque,
que o cisne vivo, cheio de saudade,
nunca mais cante nem sózinho nade,
nem nade nunca ao lado de outro cisne”

assim, também, nunca mais vibraram,, tocadas por aquelas mãos abençoadas, as cordas melodiosas do velho piano. Para Ignez Barreto, como me escrevia ha dias o seu filho, Dr. Sergio Barreto, atualmente no Rio de Janeiro, ao fornecer-me algumas notas muito interessantes para esta palestra, depois da morte de seu esposo seu piano emudeceu para a música, como o seu coração se fechara para as alegrias da vida.

As mães brasileiras, entregues à sua missão sagrada de educar, no recêso do lar, os filhos, e formar-lhes o carater, especialmente das meninas, as mães brasileiras, todas as mães, enfim, recebendo o encargo, na viuvez, de toda a responsabilidade sobre os filhos, preparando-os para as lutas da vida, não têm e não podem ter historia, a historia exterior, visivel aos olhos de jornalistas e etnógrafos. A historia das mães, das nossas mães, é um longo e silencioso caminho de sacrificios, de oração e de renúncia.

Viuva, Ignez Barreto, se já pouco frequentava os salões sociais da velha Natal de seu tempo, renunciou inteiramente às festas ruidosas, às reuniões oficiais e às *toilettes* da moda. Nunca abandonou o seu vestido prêto, decente e sóbrio, que lhe dava uma nota de distinção e de fidalguia, tocada pelo seu cabelo de prata, de inesquecível imagem de veneração.

Até a hora de sua morte serena, às 3 horas da tarde de cinco de agosto de 1932, vítima do mal que vinha aos poucos minando o seu organismo, sem diminuir-lhe a resistencia moral e a sua coragem estoica, Ignez Barreto pensou unicamente em completar o desejo, o pedido do seu marido, no momento em que se separaram na terra.

Agora, que ela sabia proxima a hora em que se encontraria com o único amor de sua vida, deseja cumprir, ampliando-o, o ato generoso com que ele se despedira do mundo.

A figura iluminada de Dom Bosco, com seu sorriso de irresistivel bondade, povoou os últimos anos da existencia de Ignez Barreto, vivendo em seu coração e ensinando-lhe o caminho para a satisfação ideal de sua caridade.

Entregar aos filhos de Dom Bosco a parte vultosa do seu patrimonio, a casa que fôra residencia de sua felicidade, cheia das recordações melodiosas,

das vozes dos filhos, ecoante dos passos do marido, entregá-la para que fosse, nas mãos Salesianas, a casa, o abrigo, a acolhida, a criação espiritual das crianças, o ninho formador da intelligencia católica em serviço de Deus e do Brasil.

Queria Ignez Barreto que o solar do seu marido tivesse outra família, bem maior e eterna, reunida e guiada pela luz sobrenatural e divina de Maria Auxiliadora.

Esta a historia da doação desta Casa. Não mais os filhos, sobrinhos e netos de Juvino e Ignez Barreto correm por estas alamêdas, mas uma população incessantemente renovada manterá para sempre a tradição do lar catolico da grande doadora, no exemplo vivo de sua bondade e de seu desinterêsse.

Não é possivel dominar, ocultar a emoção com que vos falo, porque nestes salões, nestas escadas e corredores, neste parque presidido pelas palmeiras imperiais, a minha meninice deixou a maior parte da irresponsabilidade ruidosa de seus sonhos.

Tambem por aqui parte de minha vida recebeu o encanto da companhia familiar de meus queridos tios, donos da mansão. Evoco a figura inesquecivel de meu Pai, a graça de sua palavra recor-tando os assuntos, a alegria dionisíaca de sua natureza afetuosa e expansiva. E os demais tios e pri-

mos — tio Pedro Velho, meu tutor na hora cruel da orfandade; Fabricio Maranhão, meu padrinho; Tio Amaro; Tia Sinhá; Tia Amelia, a unica irmã sobrevivente; Tio Adelino; Tia Mariquinhas; Alberto Maranhão; Joaquim Scipião; Tia Aurinha; Tia Militina, a minha madrinha; o bando gárrulo dos primos, todo esse conjunto disperso ou desaparecido na morte, volta a viver e a passar por este mesmo ambiente familiar, clareado pela ternura da saudade.

Neste momento, nesta festa de homenagem profunda e grata, sinto que a presidencia visivel e simbolica pertence ao casal, imovel, aqui, nas molduras de sua representação fotografica.

Sentimos sua presença e o santo jubilo que têm, no céu, pelo destino de seu lar, tornado eterno no milagre da assistencia Salesiana.

Meus queridos tios! Toda a emoção irreprimivel perturba a clareza de uma evocação às vossas existencias modelares!

Temo que a voz do vosso sobrinho, da criança inquieta e curiosa, conhecida e amada pela vossa bondade, não tenha feito falar o seu coração, como desejava. E que em todo o seu desejo de solidariedade, na homenagem tão justa às vossas memorias, possa ir tambem o assalto do elogio, contudo

tão sincero, ao recato de vossa modéstia, trazendo à luz da notoriedade, pela evocação comovida, os atos que praticastes no silencio, no recolhimento e no misterio de vossas grandes almas dedicadas a Deus!

